

**FACTICIDADE ONTO-ONTOLÓGICA E ARTE LITERÁRIA:  
estares do ser pela linguagem e a palavra<sup>1</sup>**

**ONTO-ONTOLOGICAL FACTICITY AND LITERARY ART  
living ways of being through the language and word**

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo

Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Filho

[gcca99@gmail.com](mailto:gcca99@gmail.com)

105

**Resumo:** Pensar a facticidade como ponte onto-ontológica é uma das mais proeminentes perscrutações da ontologia fenomenológica. Os sentidos dos múltiplos estares possíveis do ser, a partir da existência, podem ser apreendidos no (des)encontro do ente com o seu ser, e é nessa intersecção onto-ontológica que a arte literária se manifesta como um dos mais profícuos meios de emanação do ser dos entes. A poesia, a prosa e a linguagem como arte nos permitem o exercício de expressar o ser pela sua casa, que é a palavra, o que ocorre no encontro da linguagem poética e prosaica com o mundano, a facticidade (in)finita que nos define e relaciona no si consigo, com os outros e o mundo. O objetivo do presente trabalho é apresentar algumas das vias de expressão da arte literária como ponte onto-ontológica pela facticidade e, ao mesmo tempo, contribuir para a sedimentação interdisciplinar e dialógica entre diferentes campos do saber que confluem no emanar do ser dos entes pela literatura.

**Palavras-chave:** Facticidade; Ontologia; Literatura; Arte.

**Abstract:** Thinking about the facticity as an onto-ontological bridge is one of the most prominent investigations of phenomenological ontology. The meanings of multiple possible living ways of being, from the existence, can be apprehended through the (mis)encounter between the entity and its being, and it is in this onto-ontological intersection that literary art manifests itself as one of the most fruitful means for the entities to emanate their being. Poetry, prose, and language as art allow us to exercise the expression of being through its home, namely, the word, which occurs in the encounter of poetic and prosaic language with the mundane, the (in)finite facticity that defines us and relates to itself, to others and to the world. The objective of the present work is to present some ways of expression for literary art as an onto-ontological bridge through facticity and, at the same time, contribute to the interdisciplinary and dialogical

---

<sup>1</sup> Agradeço ao meu colega de contribuições acadêmicas Tiago Fernandes Rufo, pela leitura atenciosa e pelos apontamentos para a melhoria do presente artigo. O manuscrito original foi elaborado a partir das reflexões, aulas e partilhas da disciplina “Literatura e História da América Latina” ministrada pelo professor Marcio Bobik Braga, do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – Prolam/USP, em 2020.

### **Building the way**

sedimentation between different fields of knowledge converging in the emanation of being by entities through literature.

**Keywords:** Facticity; Ontology; Literature; Art.

### **Considerações Iniciais**

106

O principal objetivo deste breve ensaio é realizar uma proposição analítica sobre a linguagem como expressão da arte e sobre o fundamento onto-ontológico que se pode extrair das obras literárias por meio da representação da facticidade em tais construções líricas. Para que seja possível pensar em uma metafísica do pensar e habitar pela literatura, será preciso, de forma correlacionada, por em relevo tanto a facticidade do mundo em que vivemos como a significação dinâmica da existência. Assim, buscamos inserir o escopo literário e linguístico de elaboração singular e conjuntural das obras literárias, para em seguida estabelecermos os pontos a partir dos quais o olhar onto-ontológico para a expressão artística da literatura segue seu curso.

Em linhas gerais, na referência basal da fenomenologia como método, tal como proposta por Edmund Husserl (2006), há pilares fundamentais do olhar fenomenológico que podem ser inseridos analiticamente na produção literária: a *epoché* ou redução eidética e a fundamentação em torno da ideia de *lebenswelt* (o mundo vivido ou mundo da vida husserliano). No primeiro caso, há uma problemática que caminha para a secularidade de sua imposição epistemológica, ou seja, de como ser possível operacionalizar a *epoché* em áreas outras ou correlatas ao escopo filosófico. Pode ter como premissa a redução eidética de todos os juízos e a perscrutação de todas e quaisquer predicções com o fenômeno, logo, torna-se ainda mais complexo inserir o método fenomenológico em sua base husserliana de forma estrita à arte, especialmente quando se considera conjuntos ou produções literárias, por exemplo, de forte inserção ou estrutura e elaboração a partir de inclinações ideológicas, biográficas ou simbólicas específicas.

Nesse sentido, alguns dos principais autores que deram continuidade à obra de Edmund Husserl inicialmente propuseram uma consideração mais aplicada à

### **Building the way**

análise fenomenológica para o mundo, o outro e nós mesmos. Eles primaram por uma perspectiva dual, ora entre uma aproximação da metafísica clássica e medieval (como ocorrido com a primeira fase de Martin Heidegger), ora em proposições singulares de uma renovação onto-ontológica não metafísica, efetuada principalmente por Nicolai Hartmann (1953). Esse segundo caso abrange as proposições utilizadas como base para análises ontológicas marxistas como as de Georg Lukács (2010; 2012; 2013).

A partir dessa breve premissa, constituem-se, portanto, os dois momentos para reflexão propostas neste escrito. Inicialmente, ele parte da ideia de *lebenswelt* de Husserl, que está em consonância com a facticidade fenomenológica. Em outros termos, seria a onto-ontologia da mundaneidade, em que a existência se estabelece no devir, em diferentes, dinâmicos e complexos estares do ser pela palavra, expressa na potência da discursividade e significações da arte literária. Posteriormente, o estudo segue em direção à contextualização de como a operacionalização de um dos pilares fenomenológicos pós-Husserl pode ser aplicada e operacionalizada teórica, metodológica e analiticamente em uma das principais emanações dos estares do ser que é a arte. Isso vale especialmente na produção literária, em verso ou prosa, como defendido por autores como Heidegger (2013), Coutinho (1976), Stein (2001), Astrada (1942; 1949), Cauquelin (2007) e Collot (2013), a partir da perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty (2011).

### **Facticidade e onto-ontologia**

Nas teorias ontológicas, o fundamento estabelecido para a análise dos entes é determinado a partir da predicação presente ou ausente na composição da essência de determinado recorte ôntico. Dessa maneira, ao se retomar a análise onto-ontológica para a literatura, algumas questões devem fazer parte para que tal exercício metodológico-epistêmico possa conter sua sustentação de análise. É o caso de como podemos operacionalizar categorias fenomenológicas e ontológicas para a apreensão do ser dos entes em sua fenomenicidade na facticidade lírica das obras literárias, a exemplo de ideias como o ser-aí de Heidegger (o *dasein* trabalhado pelo autor alemão) e a percepção de Merleau-Ponty como acepção primária da fenomenologia. Há também a questão do projeto da liberdade como algo inerente ao

### Building the way

existir do ser humano, alocado na fresta onto-ontológica que o define, também, na salvaguarda da linguagem como meio de identificar e (des)velar o ser dos entes.

O que forma o mundo, a realidade objetiva ou o além-nós ou em Em-Si é a correlação entre diferentes interações, imbricações, camadas e estares efêmeros da manifestação do Ser pela essência dos entes. Esta totalidade do mundo, sua mundaneidade ôntica (que também é ontológica), pode ser chamada de facticidade, se fizermos uso da terminologia heideggeriana. É também denominada de Em-Si por Sartre (2008) e de paisagem do mundo por Merleau-Ponty (2011).

Diferentes dimensões da facticidade podem ser agenciadas em uma análise fenomenológica do mundo. O recorte fático da totalidade fenomênica nos permite eligir o ponto focal em que a operacionalização do instrumental analítico da fenomenologia fará sua inserção perscrutatória sobre as essências dos entes, a partir do ente diferencial, localizado no limiar entre o fato e o fenômeno, o Ser e o mundo (que somos nós), o ser-aí (*Dasein*, ou ser-em e/ou ser-no-mundo, em palavras heideggerianas), ou a existência em terminologia fenomenológica de raiz francófona. Em todo caso, o que foi escolhido como ponto de análise passa a fazer parte do percurso de essencialização do olhar fenomenológico do *lebenswelt*, naquele recorte específico, garantindo a escala mínima da ontologia que busca a significação dos estares do ser em seus mais efêmeros e fugidios detalhes.

Portanto, segundo Heidegger (2013. p.37), tem-se a “A facticidade, isto é, o ser-aí próprio enquanto é questionado em seu caráter ontológico. A facticidade seria o modo de ser de nosso poder-ser mais próprio, modo que se expressa sempre e a cada vez “aí”, na ocasionalidade.” Esse poder-ser pode ser estabelecido, de início, a partir da dimensão ou fator de referência analítica a ser efetuado, podendo ir da economia à história, da cultura às manifestações simbólicas, de aspectos naturais do lugar habitado às nuances da construção do conhecimento das diferentes sociedades que povoam o mundo contemporâneo. O limite é irrestrito, tanto quanto o alcance da riqueza fática-fenomênica de nossa existência, como a escala mínima do devir do ser em situação, aberto, também, diferenciações e interlocuções escalares a partir tanto da facticidade como fenomenicidade (ARAÚJO, 2021).

A escala dessa lupa fenomenológica, da(s) manifestação(ões) dos estares do ser no mundo, se dá na abrangência de uma biografia situada, na efemeridade da

### Building the way

duração do entre-não-ser do existir como significação máxima de abertura do Ser-nesse-mundo. Esse é o relevo delineado por Coutinho (1976):

A escala de meu vulto metrifica as possibilidades de interpretação de cada um dos protagonistas de forma que a reciprocidade de ser, de mim aos outros, dos outros a mim, se estabelece de conformidade com o módulo de minha receptiva, mesmo porque nada se propõe a corporificar-se em meu repertório sem deixar-se medir de acordo com os vãos deste receptáculo. As nomeações, os temas que pairam em mim, e aos quais demandam os atores que se candidatam ou atendem à minha solicitação, têm, por sua vez, uma capacidade de aglutinação que se mensura ao compasso de meus padrões emotivos. (COUTINHO, 1976, p. 36).

Em outros termos, mesmo que se faça ou se considere uma supraestrutura, ou a abrangência de fatores, atores e vetores de uma totalidade tão transversal quando perceptível, é no ser da vida fática que se dão os recortes fáticos da fenomenicidade do *lebenswelt*. O local, o lugar, a composição paisagística e as camadas dessa facticidade em ser-no-mundo, em estares do ser é o que precisa fazer parte, impreterivelmente, na análise fenomenológica da existência, como sublinha Heidegger (2013):

O tema da investigação hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião. O ser da vida fática mostra-se no que é no como do ser da *possibilidade de ser* de si mesmo. A possibilidade *mais própria* de si mesmo que o ser-aí (facticidade) é, e justamente sem que esta esteja “aí”, será denominada *existência*. Através do questionamento hermenêutico, tendo em vista que ele seja o verdadeiro ser da própria existência, a facticidade situa-se na posição prévia, a partir da qual e em vista da qual será interpretada. Os conceitos que tenham origem nesta explicação serão denominados existenciais. (HEIDEGGER, 2013, p. 22).

O que o autor chama de possibilidade de ser é, ao mesmo tempo, a ocasionalidade momentânea de significação do existir em seu devir imparável de (re)significações com a indissociabilidade com o *extensio* que dele faz parte, firmando-o no mundo, como trabalhado por Cauquelin (2007) e Collot (2013). O *lebenswelt* se configura como esse *ao redor* que é proximal e intrincado ao cotidiano da existência em sua emanção onto-ontológica, cronotopicamente. Acerca dessa ocasião e suas

### **Building the way**

pormenorizações, Certeau (1994, p.161) considera ser “[...] “aproveitada”, não criada. É fornecida pela conjuntura, isto é, por circunstâncias exteriores onde um bom golpe de vista consegue reconhecer o conjunto novo e favorável que irão constituir mediante um pormenor a mais.”

A chegada à escala fáctica, dessa maneira, é um exercício onto-ontológico de operacionalização fenomenológica, como método, em direção ao ser-aí. Segundo Heidegger (2013, p. 38), “Trata-se de ater-se à indicação a respeito do possível cumprimento do conceito de facticidade, que é dada previamente como seu possível encontro com a direção. O ser-aí próprio é o que é justamente e apenas em seu ‘aí’ ocasional”.

O cotidiano do indivíduo, fenomenologicamente dimensionado para uma das direções eleitas na análise, estará, desse modo, ligado de forma inquebrantável ao seu mundo vivido – o mundo da vida de Husserl (2006) – e a multiplicidade ocasional (duração) e corológica (extensão) de seu existir. O desafio maior da fenomenologia como método proposto por Husserl, ao longo das décadas, foi refinar os caminhos a partir dos quais é possível fazer a apreensão dos sentidos, os estares do ser dos entes em seu desvelar, ocultando-se nesses próprios entes. Assim, a facticidade é meio e condição para que a essência, o fenômeno, mostre-se em si mesmo:

O verdadeiro desvelamento fenomenológico deve ter, portanto, sua incidência básica no modo como a partir de si mesmo algo se manifesta. [...] A tarefa da fenomenologia será, portanto, mostrar o ser, assim como em si mesmo se mostra. Ora, em si mesmo ele se mostra ocultando-se nos entes. Logo a fenomenologia mostrará o ser em seu ocultamento. Essa dimensão paradoxal de um método, que deve mostrar algo enquanto não se mostra, caracteriza o método fenomenológico de Heidegger enquanto o método do pensamento do ser. O ser sempre está oculto. Mas, recai num duplo ocultamento enquanto é esquecido como culto e confundido com o ente. (STEIN, 2001, p. 203-204).

Nos termos postos por Astrada (1949), com ideais aproximados ao que propõem Stein (2001), Bornheim (1972) e Coutinho (1976), a base da interpretação ontológica passa pelo *Dasein* e o perpassa, que é o ser-aí. A finitude e a abertura à essência da existência em seus estares erigem todo o percurso de aplicação analítica



### **Building the way**

da fenomenologia, que também precisa estar presente, por exemplo, na relação do referido método com as expressões artísticas:

Evidentemente, en la base de esta interpretación ontológica de la existencia *Dasein* está una determinada concepción óptica de la existencia auténtica, “un ideal fáctico del *Dasein*”, hecho que no cabe negar o confesarlo forzadamente, sino que hay concebirlo “en su positiva necesidad a partir del objeto temático de la investigación”. (ASTRADA, 1949, p. 15).

111

Portanto, para Astrada (1949), tem-se novamente o protagonismo da facticidade, ou seja, a finitude em sua abertura ao questionamento onto-ontológico da metafísica do habitar. O *Dasein* concentra e se expande em significações de sua duração e extensão mundana, sendo possível inferirmos, nos elementos fáticos da totalidade fenomênica, os traços de sua essência:

[...] el ser de la verdad se encuentra en conexión primaria con el *Dasein*. Si podemos comprender algo así como ser, vale decir si es posible la comprensión del ser, es solamente porque el *Dasein* está constituido por la aptitud de inferir, o sea, de comprender. (ASTRADA, 1949, p. 19).

Na literatura, há o privilégio da apresentação da discursividade do ser dos entes pela palavra. Autores como Candido (2017), Bosi (2000) e Paz (1982) reiteram essa ligação íntima e aberta à possibilidade de incursão fenomenológica pelas diferentes obras e autores. Igualmente desafiadora é a inserção da metodologia fenomenologia no âmbito literário, pelo fato de a conjuntura ou contexto tanto da obra em si como da realidade sociocultural e histórica de seus autores estarem imbricadas em correlações político-ideológicas ou de visões de mundo particulares e inseparáveis entre si.

Mesmo que a *epoché* proposta por Husserl (2006) ainda possua empecilhos de aplicação metodológica, até mesmo na filosofia a sua contribuição na busca pela intencionalidade pura da cognição e percepção com o mundo encontra força de aplicação, por exemplo, em exercícios existencialistas da literatura, em representação da redução fenomenológica por meio de recortes do mundo vivido de forma efêmera e singular (ALVES, 2018).

### Building the way

É possível, em casos específicos, propor a problematização de abstenção das nuances conjunturais, em prol da busca por todas as camadas de predicação presentes nas silhuetas de representação do sentido do ser nos estares de seu acontecer, como situação de sua existência, nas obras literárias, por suas paisagens, situações e personagens. Esse exercício onto-ontológico da fenomenologia, especificamente na exposição da fresta entre o fático e o fenomênico, é trabalhado, por exemplo, por Fogel (2005) em exercício elucubrativo sobre a questão. Fogel recorre a Guimarães Rosa como aporte para suas afirmações da relação entre arte literária e a ontologia fenomenológica:

11. Desde uma tal experiência (experiência é sempre iluminação, evidência), o real, a coisa, toda e qualquer coisa, não é algo que está aí já dado, feito, pronto e acabado, uma mera ocorrência, e que será pintado, ou modelado, ou decalcado, ou mesmo modificado, deformado, através da projeção sobre tais coisas de sentimentos, afetos, valores, idiosincrasias do artista, da sociedade, da comunidade, etc., etc. Não. Desde uma tal extraordinária experiência, não há coisa, não se dá coisa antes e fora de pintura, antes e fora do pintar ou do jogo de cor se fazer cor e, assim, tornar-se princípio de realidade (arché) — poética. Para coisa ser ou tornar-se coisa, para ela en-coisar-se (!), para encorpar-se como coisa, como a coisa que é, é preciso pintar, é preciso tornar-se, fazer-se cor em seu próprio coração e assim o real se faz real como exposição, auto--exposição de sua própria gênese, na sua formação. Guiado, iluminado por uma tal experiência, Guimarães Rosa, fazendo uma outra viagem, cumprindo, pois, outra experiência, a da palavra, a da poética do nomear — enfim, em hora grande, ele diz: "... o ensol do sol". Isto é, a en-solação do sol, o ensolar-se do sol ou a essenciação do sol, quer dizer, o sol se retomando sempre e a cada passo e instante em sua gênese ou ensolação. Este é o sol verbo, não substantivo. E o mesmo Rosa, em mesma hora, dirá, ainda: "... o coqueiro coqueirando, a pedra se mesmando". Quando se vê, quando se co-faz a gênese-coqueiro ou a gênese-pedra, então, o coqueiro coqueira-se, a pedra se em-pedra ou se mesma. Sim, escrever, dizer, ver na ou desde a dimensão-palavra, a partir da abertura-dizer-nomear — isso é preciso. Sempre desde uma tal experiência abissal, i.é, gratuita, aquela criança que topou com aquela pedra, com aquela pedra que já é, que já se fez mundo-abertura-perspectiva-interesse-jogo — e só por isso, graças a isso a criança viu a pedra, topou, encontrou-se com ela — pois bem, assim, a criança como que diz, lá com seus botões: "brincar, jogar, é possível e preciso", pois se assim não for, se assim não se fizer, pedra não se empedra, ela não se mesma, ou seja, não se faz, não se torna visível, não se realiza como pedra. E Drummond diz: "dizer, nomear ou fazer a poética da palavra é preciso!" Miguelangelo: "esculpir é preciso!" O construtor, o empreiteiro cisma: "construir, edificar — isso é preciso!" (FOGEL, p. 2015, p. 134-135).



O *coisar-se* a que Fogel (2015) se refere com a ajuda de Rosa é o ponto de ligação entre o mundo vivido, fático, com a fenomenicidade dos estares do ser das personagens do escritor mineiro. O *dasein* é identificado no eu lírico das obras rosianas, apreendendo seus estares do ser, o ser-no-mundo de Heidegger (2013), que são as intencionalidades husserlianas tornadas realidade, cotidiano, devir da existência, de forma inerente à vida em representação pela arte literária:

A analítica do *Da-sein* mostra que este aparece como *ser-em*; no caso, *ser-em-no-mundo*. *Ser-em* não tem, quando aplicado ao *Ser-aí*, a determinação espacial do modo como se relacionam os corpos físicos. Também não significa, *pertencer a*, *estar contido em*, como quando se diz *ser-em* dos demais entes. *Ser-em*, *ser-no-mundo* quer dizer *estar habituado a*, *habitar em*. Quando o *Ser-aí* diz *eu sou*, isto significa *sou-em*, *sou-no-mundo*, *habito*. Habitar no mundo é estar presente, é ser *pre-sença*. (GMEINER, 1998, p. 45).

A totalidade do mundo irradia e se perde em seu (in)finito, como sugerido por Lukács (2012), em seu esforço de traçar uma correlação da ontologia com uma análise não metafísica, mesmo que considerando o simbólico, abstrato e fugidio do devir existencial como componentes irrecusáveis da relação entre a facticidade e a ontologia fenomenológica. Essa relação não apenas está presente como é amplamente explorada pela literatura, tendo em vista que “O abrir-se para o ente em sua totalidade é o abrir-se para o mundo fático e historial” (GMEINER, 1998, p. 86). E não apenas o histórico, a relação estabelecida entre ente e ser se geografiza como *grafias*, marcas da existência do ser-no-mundo, em pertencimento e singularização de lugares e paisagens, experiências e estares do ser:

O *ser-no-mundo*, ou *ser-junto-a*, não é outro, não é diferente do próprio mundo. Sua possibilidade de exteriorização como ser privilegiado não lhe tira o caráter de mundo que ele próprio tem. O *Ser-aí* não é anterior ao mundo e não pode prescindir do mundo quando se vê a si mesmo. O contato empírico com o mundo, o conhecimento e a reflexão sobre o mundo, o falar o mundo, mascaram, por vezes; esse “pertencer a”. Quando o homem fala de mundo, ele fala, de certa forma, de si mesmo. (GMEINER, 1998, p. 45).

Cada coisa, em sua unicidade, singularização e particularidade, contribui para a constituição de um emaranhado fático-fenomenico da existência, como um sem número de ser-em do ser-aí, que somos nós, em apreensão, representação e emanação desses estares do ser pela linguagem: “O ser-aí, em se abrindo e manifestando o (des)velar do ser ocupa um protagonismo inerente e privilegiado de apreensão e expressão do ser pelos entes<sup>2</sup>. Quando a revelação se dá, isso supõe um debruçar-se do *Da-sein* sobre e para o ente.” (GMEINER, 1998, p. 87). Na linguagem rosiana, o *dasein* “coisifica” e “descoisifica”, ou seja, projeta o sentido e o desconstrói. Ele intenciona, ao modo husserliano e, em outro momento, esvazia de sentido o ente em seu ser: “A diferença ontológica não se apresenta, portanto, como resultado de um conhecimento, nem como algo que deve ser realizado pelo esforço da reflexão filosófica, mas, como um elemento estrutural básico que informa o próprio ser-aí, dando-lhe seu ser e seu sentido.” (STEIN, 2001, p. 277).

O *dasein*, o ser-aí, é condição e meio para o (des)velar do ser no ente. A facticidade do mundo, de nós mesmos e dos outros está dentro e fora do existir e da existência. Novamente, Stein (2001) sintetiza a emanação do sentido do ente, a essência como fenomenicidade inerente no tempo, espaço, existência e estrutura primeira e primária de toda relação onto-ontológica passível de pensamento, inquirição ou representação, como ocorre pela linguagem na arte literária:

O desvelamento do ser exige sempre um ponto de partida ôntico. Mas, o ser-aí é privilegiada e ontologicamente ôntico, por causa de sua prévia compreensão do ser. então o desvelamento do ser deverá ser tentado primordialmente a partir do ser-aí, mediante uma analítica existencial de suas estruturas. O sentido do ser (preocupação) dessas estruturas do ser-aí é a temporalidade. Assim, a analítica das estruturas deverá ser refeita no homem, na temporalidade. Mas, sendo o sentido do ser-aí a temporalidade e sendo o ser do ser-aí compreensão do ser (preocupação), então, é a partir da temporalidade

---

<sup>2</sup> “Sabe-se que a explicação do real pode averiguar-se em dois planos fundamentais: o ôntico e o ontológico. A explicitação ôntica caracteriza as ciências particulares; a descrição, a pesquisa, a investigação, a manipulação dos entes restringe o ôntico à multiplicidade do real e, por isso, as ciências particulares desdobram-se de modo múltiplo: o mundo ôntico divide-se em regiões e, ao menos em princípio, a cada região corresponde uma ciência determinada. Estuda-se, assim, aquilo que o homem encontra: coisas, plantas, animais, acontecimentos, o próprio homem. Estuda-se sempre e apenas entes determinados, e esse limitar-se à determinação é o que permite distinguir, negativamente, o plano ôntico do ontológico. Realmente, não cabe às ciências particulares perguntar pela entidade do ente, não lhes compete colocar a questão do ser. E tal é justamente o objeto da ontologia: o ser.” (BORNHEIM, 1972, p. 9).

### **Building the way**

que se determina a compreensão de ser. Dela, portanto, emergirá o sentido do ser em geral. (STEIN, 2001, p. 204).

A partir dos autores e suas exposições até o momento, prossigamos, então, em nossa correlação da analítica onto-ontológica da arte literária como expressão dos estares do ser. Nesse ínterim, o *dasein* em sua relação com a facticidade intencional e (des)vela o ser, e este é o questionamento proposto por Fogel: “Agora, a pergunta é: construção (arquitetura), jogo, poesia, escultura – as dimensões, os interesses, as perspectivas (pontos de vista) ou relações possíveis –, isso tudo é *coisa* quer dizer, é produto, é resultado, consequência ou obra do homem?” (FOGEL, 2015, p. 124).

Fogel nos coloca em problematização ainda mais inquietante, que nos impulsiona, ainda mais, para a proposição do papel protagonista e inerente da palavra e linguagem como trilha do (des)velamento do ser: “Tais dimensões ou horizontes são invenções, criações da subjetividade humana, construções da consciência autônoma ou da vontade livre do homem?” (FOGEL, 2015, p. 124). A partir do questionamento posto e proposto, é importante nos voltarmos para a arte literária em sua posição especial na relação fática-fenomenológica – ou onto-ontológica – do ser-aí por meio da linguagem.

### **Expressões dos estares do ser pela arte literária**

Por meio da literatura, é possível encontrarmos sinalizações, contrastes e *grafias* de muitos mundos, pautados na realidade ficcional entremeada por infiltrações do contexto em que as obras são elaboradas. Esta realidade conta com a diversidade do mundo vivido por nós, presente nas influências de inspiração dos autores, expressas direta ou indiretamente na composição da facticidade de suas ficções (ACHUGAR, 1996; PAZ, 1991; CAUQUELIN, 2007).

A possibilidade de uma analítica ontológica a partir da facticidade presente na elaboração literária requer passos/dimensões/diretrizes como, por exemplo: fase descritiva da ambientação do conto, etapa *ôntica*, verificação do que irá ser posto em evidência na composição no enredo, discurso, objetos, personagens e demais elementos; depois, evidenciar qual *ente* situado será objeto de exploração da sua análise. Pode ser que seja, por exemplo, um objeto, uma memória, um pensamento,

### **Building the way**

uma sensação, uma emoção, portanto, pode ser material ou imaterial, abstrato ou concreto – basta que *seja* algo. Tais elementos presentes em uma busca pelas *grafias* do ser social podem ser entendidos como perspectivas onto-ontológicas na elaboração literária, como proposto por Candido (2017), quando afirma que:

1) O problema ontológico: A verificação do caráter ficcional de um escrito independe de critérios de valor. Trata-se de problemas ontológicos, lógicos e epistemológicos. Como foi exposto antes uma das funções essenciais da oração é a de projetar, como correlato, Um contexto objectual que é transcendente ao mero conteúdo significativo, embora tenha nêle seu fundamento ôntico. (CANDIDO, 2017, p. 37).

No debate ontológico (fenomenológico), o sentido, a essência e os estares do ser já são o que se mostra em si mesmo, colocando em questionamento parte da base epistemológica crítica literária em relação à representação da expressão artística por meio da linguagem, tendo em vista a diferenciação do entendimento sobre a essência advinda da ontologia fenomenológica, diferente do debate cultural-mimético, por exemplo, trabalhado por diferentes críticos literários ao questionarem ou colocarem em evidência aspectos dialéticos e/ou contraditórios presentes na facticidade expressas nos romances, contos e poesias que possuam aspectos culturais em suas construções (BURKE, 2009; MURARI, 2009; SCHWARZ, 2012; PIGLIA, 1994; 2004; SARMIENTO, 2010).

O debate acerca da mimese e da verossimilhança da análise e da crítica literária contribui como ponto de partida, pois a chegada será o sentido dos entes, do ser-aí (o ser humano situado em sua essência como ente portador da linguagem) e todas as significações, circunstâncias, intencionalidades, ocasionalidades e facticidades envolvidas nos imensuráveis recortes espaço-temporais de uma experiência específica. Essa experiência pode se dar a partir de um objeto, um relacionamento, uma memória, um objeto, uma emoção etc. Novamente, encontra-se o traço entre as singularizações e as conjecturas de maior alcance, transversalidade e impactos nas narrativas, que tornam o desafio da análise onto-ontológica das obras literárias ainda mais complexo e desafiador.

A diferença entre um documento literário qualquer e a obra-de-arte literária reside, antes de tudo, no valor diverso da camada quase-sensível das palavras (sensível quando o texto é lido a viva voz). Êste plano quase-sensível das palavras e de seus contextos maiores tem na literatura em sentido lato função puramente instrumental: a de projetar, como vimos, objectualidades puramente intencionais que, por sua vez, sem serem notadas como tais, se referem aos objetos visados. O que importa são os significados que se identificam com os objetos visados, não os significantes. Êstes últimos — as palavras — se omitem por completo (da mesma Forma que as objectualidades puramente intencionais); podem ser substituídos por, quaisquer outros que constituam os mesmos significados. A relação entre a camada quase-sensível e a camada “espiritual” é, portanto, inteiramente convencional. A intenção do leitor passa diretamente ao “sentido” e aos objetos visados. Na obra-de-arte literária, esta relação deixa de ser convencional, apresenta necessidade e grande firmeza e consistência. Em casos extremos (particularmente na poesia), a mais ligeira modificação da camada exterior (e na poesia concretista, mesmo da distribuição dos sinais tipográficos) destrói o sentido de toda a obra, devido ao valor expressivo das palavras, agora usadas como se fôssem relações de côres ou sons na pintura ou música. (CANDIDO, p. 38-39).

A analítica onto-ontológica da obra literária, portanto, ultrapassa parte das bases da fenomenologia ontológica, especialmente no que se refere à rigidez analítica da *epoché*. A perscrutação do ser dos entes, ou do ente, eleva-se em seu mostrar-se em essência, pela sua linguagem crítica e analítica – mas também, principalmente, ontológica<sup>3</sup> – no plano da (in)finitude fática. Quais são os sentidos, significações ou expressões dos significados que o foco onto-ontológico, factual e singular-conjectural nos permite alcançar? Nas palavras de Piglia (2004, p. 99), “A arte é uma atividade impossível do ponto de vista social, porque seu tempo é outro, sempre se demora

---

<sup>3</sup> “Há uma frase de Husserl que fez fortuna: voltar às coisas mesmas. Mas a frase, inserida em seu contexto original, permanece ambígua, já que todo o pensamento husserliano está comprometido com o idealismo. Não obstante isso, a afirmação é importante porque indica os rumos que a filosofia iria seguir. Pois tornou-se claro que repensar o homem, o sujeito, implica em repensar também e necessariamente o mundo do sujeito e em escutar a coisa naquilo que ela realmente é. Nada parece mais banal, mas nada é em verdade mais difícil do que arrancar a coisa de sua alienação metafísica, mesmo porque nem se trata de uma questão precipuamente filosófica. Talvez se possa caracterizar todo o empenho da nova ontologia dizendo, simplesmente, que ela busca a conquista da realidade, mas da realidade entendida em seu teor ontológico próprio, original, irreduzível. Não, portanto, da realidade enquanto ela se esclarece a partir de um plano metafísico, transcendente à maneira da tradição. A densidade ontológica do real deve agora ser encontrada no próprio plano da finitude. E aqui está grande diferença entre a antiga e a nova ontologia: ser e pensar passa a pertencer definitivamente a este mundo.” (BORNHEIM, 1972, p. 59-60).

### **Building the way**

muito (ou muito pouco) para “fazer” uma obra.” Candido (2017) também destaca ideias correlatas a respeito da natureza ontológica da obra literária:

A camada verbal adquire, pois, valor próprio e passa a fazer parte integral da obra. Isso vale particularmente para contextos maiores, que passam a constituir o ritmo, o estilo, o jôgo das repetições e associações e que se tornam momentos inseparáveis do todo, de modo que a modificação da estrutura das orações e da maneira como se organizam os significados afeta profundamente o sentido total da obra (imaginem-se uma edição de Proust com as orações “simplificadas”!) ao passo que num texto científico ou filosófico as mesmas teses podem ser mediadas por contextos diversos de orações (isso não se refere a filósofos como Heidegger; mas ‘neste caso a “prosa comum” do pensamento científico é abandonada em favor de especulações teosóficas que requerem o uso da “arquipalavra adâmica”). É isso que Lessing tem em mente quando chama o poema um “discurso totalmente sensível” ou quando Hegel, num sentido mais geral, define a beleza como “o aparecer (luzir) sensível da idéia”. O significado disso é que os planos de fundo (os mais espirituais) se ligam na obra de arte (literária ou não) de um modo indissolúvel ao seu modo de aparecer, concreto, individual, singular. É a isso que Croce chama de “intuição”. O sentimento do valor estético, o prazer específico em que se anuncia a presença do valor estético, refere-se precisamente à totalidade da obra literária ou, mais de perto, ao modo de aparecer sensível (quase-sensível) dos objetos mediados. As camadas exteriores impõem a sua presença em virtude da organização e vibração peculiares de seus elementos. O raio de intenção, ao atravessar estas camadas exteriores, “conota-as”, assimila-as no mesmo ato de apreensão das camadas mais profundas. Isso, em parte, se verifica também em virtude de uma atitude diversa em face de escritos de valor estético. (CANDIDO, 2017, p. 18).

Assim como ressaltado por Cauquelin (2007), Collot (2013), Stein (2001) e Bornheim (1972), Coutinho (1976, p. 183) se aproxima do que é argumentado por Candido (2017), no que se refere ao estofo ontológico passível e possível de ser observado, imergido e emergido analiticamente na literatura: “Não resta dúvida que unicamente a arte literária teria condições para me favorecer nesse ponto de minha obra”. Enfaticamente, completa o autor que “[...] nenhuma outra arte, se porventura eu possuísse os meios exigíveis, me concederia a flexibilidade, a ductilidade com que a literatura, por estear-se na imaginária interna, comunica, ao menos por aproximação” (COUTINHO, 1976, p. 183).



### Building the way

Por esta razão, muitas vezes, as palavras disponíveis em nosso léxico vocabulário formal, cotidiano ou coloquial se mostram insuficientes para extrair de determinado ente, fato ou recorte ôntico, sua significação e sua emanção de sentido em um cruzamento ocasional e *extensio* singular:

A condenação das palavras origina-se da incapacidade da linguagem de transcender o mundo dos opostos relativos e interdependentes, do isto em função do aquilo. [...] Com efeito, o sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas jamais as alcança. Os objetos estão mais além das palavras. (PAZ, 1982, p. 128).

119

O poeta e o escritor encarnam em si a potência do *homo poeta* como expressão máxima do *Dasein*, o ser-aí que extrai do seu discurso na obra elaborada as significações pelos estares do ser. Não há objeto, mirada da paisagem, sentimento, emoção, memória, cor, sensação, silêncio ou fala que passem despercebidos. O tegumento onto-ontológico da facticidade se fará notar, estará presente como o habitar intrínseco da totalidade cronotópica do romance, conto, novela ou poesia em questão. Essa é a problematização reforçada por Paz (1982), ao afirmar que:

Todas as nossas versões do real — silogismos, descrições, fórmulas científicas, comentários de ordem prática, etc. — não recriam aquilo que pretendem exprimir. Limitam-se a representá-lo ou descrevê-lo. Se vemos uma cadeira, por exemplo, percebemos instantaneamente sua cor, sua forma, os materiais com que foi construída, etc. A apreensão de todas essas características dispersas não é obstáculo para que, no mesmo ato, nos seja dado o significado da cadeira: o de ser um móvel, um utensílio. Mas, se queremos descrever nossa percepção da cadeira, teremos de ir aos poucos e por partes: primeiro sua forma, depois sua cor, e assim sucessivamente até chegar ao significado. No curso do processo descritivo foi se perdendo pouco a pouco a totalidade do objeto. A princípio a cadeira foi apenas forma, mais tarde uma certa espécie de madeira, e finalmente puro significado abstrato: a cadeira é um objeto que serve para sentar. No poema a cadeira é uma presença instantânea e total, que fere de um golpe a nossa atenção. O poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós. (PAZ, 1982, p. 132).

A conjuntura do *lebenswelt* husserliano se faz notar na construção literária, incorpora elementos da sociabilidade, biografia, realidade objetiva e transformações do mundo vivido pelos personagens, paisagens, ambientes, interações e relações

### **Building the way**

presentes nas construções literárias. Há, desta maneira, formas de se apresentar as experiências da existência como ser-mundo como estares de sua condição única ôntico-ontológica por múltiplos significados e predicacões, que vão das essências e contradições que as perfazem:

Na poesia coexistem as sombras da matriz e o discurso feito de temporalidade e mediação. O discurso acha meios de trazer a matriz à tona, de explorar as suas entranhas, de comunica-la. Os meios (no caso, procedimentos) visam a compensar a perda do imediato, perda fatal do ato de falar. A pergunta fundamental é: como a série temporal do discurso persegue o imediato, o simultâneo, o “finito” da imagem? Como se comporta o tempo à procura da matriz atemporal? Por hipótese, a resposta seria: O discurso tende a recuperar a figura mediante um jogo alternado de idas e voltas; séries de re(o)corrências. (BOSI, 2000, p. 32).

A palavra, a linguagem e a arte possuem o múltiplo papel de extrair o ser das coisas, do mundo e de nós mesmos, em um contínuo (des)velar. As predicacões presentes na facticidade das obras literárias são, portanto, a maneira pela qual seus autores apresentam o estofo onto-ontológico de suas produções: “Pre(dic)ar é admitir a existência de relações: atribuir o ser à coisa; dizer de suas qualidades reais ou fictícias” (BOSI, 2000, p. 33).

Podemos observar, portanto, que é ultrapassado o limite entre o representado e o real. Na literatura, a representação e a mimese dão lugar à significação do texto e seu contexto em roupagens onto-ontológicas, fenomênicas, nos recortes fáticos e cronotópicos elidos para tal análise em questão, como destaca Bosi (2005):

Uma das dificuldades maiores que a história literária vem enfrentando, desde o período romântico em que se começou a postular a identidade literária dos povos e nações, é precisamente escolher o seu objeto prioritário. A matéria-prima do historiador literário é tudo o que se escreveu e que pode ser considerado representativo de uma certa cultura? Responder afirmativamente significa tomar a palavra “literatura” no seu amplo sentido de material escrito sobre uma grande variedade de temas. Ou a sua matéria é o texto literário em sentido estrito, o que vem a dar prioridade à poesia, à narrativa ficcional, à tragédia, à comédia, ao drama, em suma, aos gêneros textuais em que predomina a imaginação ou o sentimento, sem relação obrigatória com a verdade atestável dos atos representados? Note-se que este

## Building the way

dilema já estava formulado na oposição que Croce fazia entre poesia e não- poesia, englobando nesta última todos os elementos didáticos, políticos, científicos, religiosos etc., que formariam a estrutura cultural de uma obra, mas não lhe dariam a identidade poética e artística, constituída da síntese de imagem e sentimento, intuição e afetividade. (BOSI, 2005, p. 321).

O torneio fraseológico presente nas construções poéticas é um dos traços mais marcantes do embate entre a potência do ser no seu silêncio do não dito e a sua emanção em (des)velamento pela palavra escrita ou transcrita à linguagem do romance, poesia ou conto. Dessa maneira, o discurso, expressão artística da literatura, sintetiza tanto o *Dasein* quanto o *lebenswelt*, em indissociação de significância mútua ao devir da existência, tanto do autor como de sua obra:

A frase desdobra-se e rejunta-se, cadeia que de antes e depois, de ainda e já não mais. Existe no tempo, no tempo subsiste. Para o emissor que a profere, para o receptor que a ouve, sílaba após sílaba. A oração não se dá toda, de vez: o morfema segue o morfema; o sintagma. E entre a cadeia das rases e a cadeia dos eventos, vai-se urdindo a teia dos significados, a realidade paciente do conceito. Mediação e temporalidade supõem-se e necessitam-se. A expressão social do pensamento depende da possibilidade do discurso. Não se pode ignorar nem baratear esse árduo e longo itinerário em direção ao ato simbolizador que o homem tem percorrido desde que lhe foi dado significar mediante a articulação sonora. (BOSI, 2000, p. 30).

Passa-se, então, do Ser (seja o em-Si como o Para-Si sartreano) para o Ser social de Lukács (2010; 2012), também presente nas considerações elaboradas por Karel Kosik (1976) sobre arte, cultura, literatura e o papel dos símbolos na construção social. Não há anulação de alcance da onto-ontologia da análise fenomenológica da literatura pelo fato de autores ou obras estarem inseridos em contextos de elaboração que exijam, em sua origem, a conjuntura político-ideológica de sua construção.

A riqueza fática encontra nas construções e representações literárias o (in) finito ôntico de manifestação de seus sentidos (BOSI, 2005; 2013; BRANDÃO, 2013; BLANCHOT, 2011; COMPAGNON, 1999). Há ações e contradições da facticidade e dos estares do ser em cada trama e romance, nos versos e estrofes, na palavra e na linguagem, como guardadores e (des)veladores do ser dos entes. Não

### **Building the way**

há anulação ou impossibilidade de dialogia entre a facticidade em expressão onto-ontológica na obra literária e a inserção de dimensões outras, como as contradições da realidade social – tanto de elaboração dessas obras como dos personagens, ações, intencionalidades e situações em que são apresentadas, preocupação esta mencionada por críticos como Schwarz (2012) e Piglia (1994).

As preocupações demonstradas por Schwarz (2012) sobre produção, análise e crítica literária se aproximam do percurso da analítica onto-ontológica e fenomenológica proposta até aqui. No entanto, é possível encontrarmos respaldo referencial de perscruta ontológica em autores marxistas que podem nos servir como pilares de fundamentação da conjuntura de elaboração ou narrativa a partir da perspectiva marxista ou materialista histórico e dialética. Nesse caso, destacam-se, principalmente, obras de Lukács (2010; 2012; 2013), que podem servir de base para o exercício ontológico acerca do romance, personagem e ficção proposto por Candido (2017).

### **Considerações Finais**

A relação entre a ontologia fenomenológica e a facticidade dos estares do ser na obra literária é uma realidade extremamente profícua de análise. Como apresentado, são inúmeras as dimensões, elementos e aspectos que podem ser elencados e agenciados na perscrutação do olhar onto-ontológico da produção literária, primando pela escala da singularização dos aconteceres e estares do ser.

Ao mesmo tempo, há toda uma tradição de influência e presença das contradições da realidade social na produção literária, que mesmo se afastando do primado metodológico originário da *epoché* husserliana, ainda possui múltiplas aberturas de diálogo e operacionalização de categorias da ontologia fenomenológica para a arte, como expressa a linguagem literária.

O desafio metodológico prossegue para além do exercício analítico-propositivo expresso no presente texto – Do *lebenswelt* de Husserl ao *dasein* de Heidegger –, bem como das demais contribuições literárias e filosóficas do entrelaçamento entre arte, literatura e ontologia fenomenológica. Cada coisa, ente,

### Building the way

recorte particular da singularização fática, possuirá, em si, a potência ontológica, fenomênica e inerente do sentido em pulsação e (des)velamento.

Nesse claro-escuro do ser pelo ente, a arte literária possui peculiar e privilegiado poder de extração, apreensão e representação por suas paisagens, personagens e enredos. É nessa relação íntima entre palavra, linguagem e onto-ontologia fenomenológica que nos propomos perscrutar os estares do ser no texto e seus contextos, na tessitura de cada dizer ou silenciar literário.

123

### Referências

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y escenarios), *Revista Iberoamericana*, v. LXII, n. 176-177, julio-diciembre, p. 845-861, 1996.

ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia?. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, São Paulo, v.1, n. 2, p. 20-34, 2018.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, v. 2, n. 2, p. 173-200, 2021.

ASTRADA, Carlos. El juego metafísico: para una filosofía de la finitud. Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1942.

ASTRADA, Carlos. *Ser, Humanismo, "Existencialismo"* (una aproximación a Heidegger). Buenos Aires: Ediciones Kairos, 1949.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BORNHEIM, Gerd. *Metafísica e Finitude*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1972.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados* (USP. Impresso), v. 19, p. 315-334, 2005

BOSI, Alfredo. *Entre a Literatura e a História*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sergio Goes de Paula. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

v. 11, n. 2 (2021)

ISSN 2237-2075

Letramentos sociais e identidade pós-moderna: perspectivas para o ensino e aprendizagem de línguas

**Building the way**

CÂNDIDO, Antônio et.al *A personagem de Ficção*, 13a. Edição, São Paulo: Editora Perspectiva Ltda., 2017.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.

COMPAGNON. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COUTINHO, Evaldo. *O lugar de todos os lugares*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FOGEL, Gilvan. *Homem, Realidade, Interpretação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser. uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Santos/SP: Leopoldianum, 1998.

HARTMANN, Nicolai. *New ways of Ontology*. Translate by Reinard. C Kuhn. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*. Trad. Renato Kichner. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 3ª Ed. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social I*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. *Por uma ontologia do ser social II*. Trad. Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos. A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



**Building the way**

MURARI, Luciana. *Natureza e Cultura no Brasil (1870 – 1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. Poesia latino-americana. In: PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.161- 173.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Trad. Josey Vianna Baptista. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda.,1994.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paul: Companhia das Letras, 2004.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo ou Civilização e Barbárie* Trad. Sérgio Alcides). São Paulo: Editora Cosacnaify, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser eo Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro*. 6a. Edição, São Pulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

STEIN, Ernildo. *Compreensão e Finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.